Bullying e *Cyberbullying*

Hugo Monteiro Ferreira (UFRPE/GETIJ)

Não se pode “brincar” com um fenômeno cujo objetivo central é fazer sofrer.

Brincadeira

Bullying/Cyberbullying

Não há alegria no (Cyber) *bullying*. O sofrimento é a sua meta e o seu objetivo é provocar a dor, a angústia, a agonia, o medo, a ansiedade, a submissão, a humilhação.

Diário de Vijay Singh, Última Página, 1997

I shall remember forever and will never forget

Monday: my money was taken.

Tuesday: names called.

Wednesday: my uniform torn.

Thursday: my body pouring with blood.

Friday: it's ended.

Saturday: freedom.

Eu devo me lembrar para sempre, nunca irei esquecer/ segunda feira: meu dinheiro é tomado/ terça: me ofendem verbalmente/ quarta: meu uniforme é rasgado/ quinta: meu corpo encharcado de sangue/ sexta: está terminado/ sábado: liberdade" (Tradução Livre).

No meu ver, existe uma profunda relação entre a chamada lógica disciplinar – isto não tem a ver com cumprir regras, normas, saber viver em coletivo, respeitar, compreender -, porém tem a ver com a ideia de “dominação”, “separação”, “hierarquização”, “superioridade x inferioridade”.

Rafael, 13, Recife

Diziam que eu não era igual a eles e que eu era pior do que eles e que eles eram melhores do que eu. Diziam que eu não merecia ficar com eles, porque eles eram superiores.

Bianca, 15, Belo Horizonte

Me prenderam dentro de uma sala e fizeram uma roda, eu fiquei tipo bem no meio da roda, aí, ficaram gritando que eu era ruim, era péssima, que eu era a esculhambação da escola. E que eu não prestava.

A lógica disciplinar – ou aquilo que não é transdisciplinar – promove a segregação, porque tende a negar/excluir a diferença. Isto é, aquilo que não se parece comigo, ou eu rejeito, ou nego, ou destruo.

Diego, 15, Rio de Janeiro

Cara, eu não suportava aquele jeito de gay dele. A coisa ficou muito complicada. Homem é para ter jeito de homem, saca? Uma coisa é ver a outra é ficar perto dessa gente.

Caio, 14, Recife

Eu não curto, assim, tipo, ficar muito junto, saca? Aí, sei lá, vai que eu fique igual. Tipo, respeito, mas quero distância. Não tenho preconceito. Só não quero ter contato. Bom...

Quando se nega o outro, evoca-se uma revolta, silenciosa ou ruidosa, explícita ou implícita, mas uma espécie de revolta: violência contra o outro ou contra si, mas sempre violência.

Mas o que se pode fazer?

No meu entendimento, existem muitas saídas, porém todas elas, sem exceção, fundamentam-se na construção de uma cultura amorosa, o que implica a (des) construção de uma cultura odiosa.

Sugiro...

Cuidemos da família. Adoecida, ela adoece crianças e adolescentes...

Cuidemos da escola. Do modo como se encontra, tem sido terreno fértil para a emergência da violência sistemática, assimétrica, não-motivada.

Pensemos nessas palavras: diálogo, compreensão, compaixão, não-comparação, amorosidade.